

Bei Jing Huan Ying Ni*

Texto de Lucia Sauerbronn

A China fica bem embaixo do Brasil. Se a gente abrisse um buraco que varasse o mundo, era capaz de cair na Cidade Proibida, onde os imperadores viveram por 6 séculos e que é o lugar mais bonito da China. Embora morem do outro lado do planeta, é claro que os chineses não andam de cabeça para baixo. Mas que por lá tudo é ao contrário, ah. Isso é mesmo. Por exemplo: lá, hoje é amanhã e amanhã hoje foi ontem.

Na China todos os dias nascem milhares de bebês de olhinhos puxados, o que leva a gente pensar que os chineses são todos iguais. Na verdade, eles também acham que nós, ocidentais, somos todos iguais por causa do nosso nariz grande. E tem mais: 91% da população pertencem à etnia Han, e o resto se dividem em 55 outras etnias – que eles chamam de minorias – e têm traços muito diferentes.

A língua oficial deles é o mandarim. Mas as minorias juntas falam outros oitenta dialetos e línguas! Aprender chinês não é fácil porque, para piorar, cada vogal tem quatro entonações, o que muda completamente o sentido da palavra. Por exemplo, se alguém disser ma..., pode estar chamando a mãe. Mas, se alguém disser má. Não se espante se ele estiver apontando um cavalo. Ainda bem que, como em qualquer parte do mundo, muito chinês já fala inglês.

O legal é que, apesar dessa confusão toda, a maioria das palavras se escreve do mesmo jeito. É que o chinês não tem alfabeto, mas ideogramas, que são desenhos cheios de riscos e tracinhos que juntos exprimem uma idéia. Isso poderia representar uma grande economia de papel. O problema é que para se expressar através da escrita, o chinês pode usar mais de 50 mil caracteres diferentes. Mas quem conseguir aprender uns 5 mil já dá para quebrar o galho...

Antigamente, as famílias eram muito numerosas e não costumavam pôr nome nas crianças, para evitar que os maus espíritos viessem roubá-las. Eles chamavam de primeiro filho, segundo filho e assim por diante. Hoje cada casal só pode ter um filho, por isso às vezes têm nomes estranhos como Ímpar. E eles torcem para esse filho ser homem e continuar o nome de família.

Por sinal, lá é tudo tão ao contrário que o sobrenome vem antes do nome. E eles não são muito criativos. Existem 93 milhões de pessoas com o sobrenome Li, outros 93 milhões Wang, dando a impressão de que todos são parentes. É como se metade dos brasileiros chamasse Silva e a outra metade Santos. Só que, assim como os Silva e Santos, os Li e os Wang representam apenas um oitavo da população chinesa, que é de 1 bilhão e trezentos milhões de pessoas.

Alimentar toda essa gente não é bolinho. Por isso, tudo o que voa e não é avião, tudo o que anda e não é carro e tudo o que se move na água e não é barco pode acabar na panela. Eles comem coisas estranhas como escorpiões fritos e cavalos marinhos assados, iguarias que acham tão saborosas como são para nós as orelhas, rabos e pés de porco que fazem parte da nossa feijoada.

A refeição na China é um momento de união e ninguém come sozinho. As pessoas sentam em torno de uma mesa giratória e, usando pauzinhos, vão se servindo dos pratos coloridos com legumes e verduras, carne de vaca, porco, frango, pato. Ao invés de refrigerantes, eles preferem tomar chá, que ajuda a digestão.

A China existe há quase seis mil anos. Foi lá que inventaram o macarrão, o sorvete, o papel, a porcelana, a seda, o guarda-chuva, a bússola, a pólvora, o arado, o carrinho de mão e os óculos do sol. Inventaram também o dragão, um bicho que não existe, mas está em toda parte.

Durante 23 séculos quem mandava na China eram os imperadores. Há 60 anos são os comunistas. Mas, desde que o líder Deng Xiaoping declarou que “enriquecer é glorioso”, os chineses são mesmo consumistas.

Por isso, o dragão, que representa o poder do fogo que destrói para permitir o nascimento do novo, nunca teve tanto trabalho. Prédios velhos estão virando cinzas, dando lugar a praças e jardins floridos, avenidas largas e edifícios ultra modernos. Em cidades como Pequim (ou Beijing, como eles dizem) o número de carros (quase 3 milhões de meio) já superou o de bicicletas, que juntos produzem um congestionamento dos diabos. Eles também trocaram o som dos grilos, que traz sorte, pelo dos celulares, que não param de tocar. É claro que nem toda a população da China pode comprar tudo isso. Mas, assim como no Brasil, um país de grandes diferenças sociais, a qualidade média de vida por lá está melhorando rapidamente.

Para os chineses os números exercem grande influência na vida. Ao invés do 13, eles acham que o azarado é o 4, pois tem o mesmo som do verbo morrer. Até outro dia, os números mais importantes eram o 6 (da calma e suavidade) e o 9 (da longevidade). Na nova China, o predileto é o 8, que simboliza riqueza e prosperidade.

Os chineses levam os números tão a sério que os Jogos Olímpicos de Pequim vão começar às 8 horas e 8 minutos do dia 8 do mês 8 de 2008. Vai gostar de prosperidade assim lá na China!

* Bem-vindo a Pequim